

“Minueto do senhor de meia-idade”: “Um apontamento”, Ou o que já estava escrito

Para Benilde

MARIA ELVIRA BRITO CAMPOS
Universidade Federal do Piauí

RESUMO: ESTE TRABALHO BUSCA AS MARCAS DO SUBJETIVISMO ONTOLÓGICO NA ESCRITA DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES. SABENDO DA IMPORTÂNCIA DESSE ESCRITOR NA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA, TRAZEMOS À REFLEXÃO A CRÔNICA “MINUETO DO SENHOR DE MEIA-IDADE”, EM LEITURA COMPARATIVA COM O POEMA “APONTAMENTO”, DE FERNANDO PESSOA, POR SABÊ-LAS EXEMPLOS DE UM ESTADO DE IMANÊNCIA QUE DÃO VISIBILIDADE AOS ENCONTROS DAS PERSONAGENS CONSIGO MESMAS, DELINEANDO QUESTÕES ONTOLÓGICAS E POSSIBILITANDO REFLEXÕES ACERCA DA DENSIDADE DAS PAISAGENS PSICOLÓGICAS QUE A CORRENTE EXISTENCIALISTA NOS PERMITE OBSERVAR.

ABSTRACT: THIS PAPER IS PART OF A BROADER RESEARCH ABOUT EXISTENTIALISM IN CONTEMPORARY PORTUGUESE LITERATURE, IN AN ATTEMPT TO POINT OUT SOME EVIDENCES OF A SO-CALLED ONTOLOGICAL SUBJETIVISM IN THE WRITINGS OF ANTÓNIO LOBO ANTUNES. BY TAKING INTO ACCOUNT THE IMPORTANCE AND REFERENCE OF THE AFOREMENTIONED AUTHOR IN PORTUGUESE LITERATURE AT THE PRESENT, WE ADVANCE SOME REMARKS ON THE CHRONIC “MINUETO DO SENHOR DE MEIA-IDADE”, IN A COMPARATIVE ANALYSIS WITH FERNANDO PESSOA’S POEM “APONTAMENTO” SINCE WE CONSIDER THEM AS EXAMPLES OF A STATE OF IMMANENCE THAT GIVES VISIBILITY TO THE MEETINGS OF THE CHARACTERS WITH THEMSELVES, OUTLINING ONTOLOGICAL ISSEUS AND ENABLING REFLECTIONS ABOUT THE DENSITY OF THE PSYCHOLOGICAL LANDSCAPES THAT THE EXISTENTIALISM ALLOWS US TO OBSERVE.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA PORTUGUESA – ANTÓNIO LOBO ANTUNES – ÁLVARO DE CAMPOS – EXISTENCIALISMO

KEYWORDS: PORTUGUESE LITERATURE, ANTÓNIO LOBO ANTUNES, ÁLVARO DE CAMPOS, EXISTENTIALISM

...] existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa.

W. Benjamin¹

Compreendendo o Existencialismo como corrente que conflui nas limitações do homem no excesso de si mesmo, como nascer e morrer, e que penetra os sentimentos, angústias, preocupações e descobertas desse mesmo homem, este estudo se ocupa em delimitar o caráter Existencialista na crônica “Minuete do senhor de meia-idade”, de António Lobo Antunes (2002), e no poema “Apontamento”, de Fernando Pessoa (1986),² escritores não contemporâneos entre si, mas que, embora afastados fisicamente por um longo período dentro de um mesmo século, dialogam tematicamente e apresentam proposições existenciais que dão visibilidade ao encontro do narrador e/ou do eu lírico consigo mesmos, delineando questões ontológicas e possibilitando reflexões acerca da densidade das paisagens psicológicas que a corrente existencialista nos permite observar.

Enternece-nos, sobremaneira, a escrita labiríntica do escritor português António Lobo Antunes, principalmente quando esta nos permite circunscrever a substância existencialista na sua narrativa em meio às várias camadas que a estrutura espaço-temporal nos permite conhecer: e é nessa viagem pelo tempo e espaço que desvendamos o que há de ser considerado como a condição humana.

Da mesma maneira também nos enternece e assombra a poesia de Fernando Pessoa, e neste caso a concebida pelo heterônimo Álvaro de Campos, em seu pendor pela subjetividade e desvendamento da existência humana. Se o termo Existencialismo se consubstanciou após a morte de Fernando Pessoa,

1 Reflexão feita por BENJAMIN, na obra. “Sobre o conceito da História”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, 1).

2 O presente artigo constitui um desdobramento do nosso projeto de pesquisa intitulado *Do Existencialismo na Literatura Portuguesa contemporânea: uma leitura inicial*, cadastrado no CNPq pelo Grupo de Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea – GELPC - UFPI. A referida pesquisa trata da investigação acerca do que ficou como resquício do Existencialismo como o disse Sartre e seus pares, na escrita de alguns autores surgidos nas últimas décadas do século XX e início do XXI, os quais retratam a problematização do homem e do estar-no-mundo, tema que emerge desde sempre e que, no caso da Literatura Portuguesa, se consubstanciou na produção romanesca de autores como Vergílio Ferreira e José Cardoso Pires

imaginemo-lo ontologicamente ensaiado pelo poeta num período de transição na Literatura Portuguesa, como o foi a passagem do séc. XIX para o XX, quando o termo ainda não havia sido definido. E se dissemos que a poesia pessoana nos “assombra”, é que aqui tentamos referir o estrondoso e indefinido sentimento que nos acolhe a nós mesmos, traduzidos pela sua escrita.

O diálogo entre os textos “Minuete do senhor de meia idade” e “Apontamento”³ nos surpreende por sua evidente confluência temática; no primeiro, temos como início a expressão alegórica “a vida é uma pilha de pratos a caírem no chão” (200?, p. 85), o que já havia sido anunciado em “Apontamento”, no início do século XX, pelo heterônimo pessoano (1986, p. 312):

A minha alma partiu-se como um vaso vazio.
Caiu pela escada excessivamente abaixo.
Caiu das mãos da criada descuidada.
Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso.

Tema recorrente na Literatura e Filosofia, a fragmentação do ser e o que dele sobra, nos angustia desde a antiguidade. Lembremo-nos da admoestação socrática de que “uma vida sem exame não merece ser vivida”⁴, convite tão contemporâneo porquanto marca a necessidade de se encontrar um sentido para a própria vida, ou mesmo no *cogito* cartesiano e em seu contemporâneo, Pascal. No *cogito* – “penso, logo existo” – a precedência da essência sobre a existência abre as portas para uma reflexão que leva o homem a reconhecer todo o peso de sua subjetividade e as consequências que disto advêm. Como corolário desta afirmação, ratifica-se a angústia do viver atordoado por expectativas sobre a vida e o que dela pode ser feito. Contudo, o peso ontológico que recairá sobre a existência, com a densidade que a filosofia contemporânea aportar-lhe-á, marcadamente a partir de Kierkegaard, torna ainda mais evidentes essas inquietações que marcam de modo especialmente expressivo a obra dos autores em questão.

Segundo Massaud Moisés, em seu *Dicionário de Termos Literários* (2004),

3 O poema “Apontamento”, da autoria do heterônimo Álvaro de Campos, é um poema sem data, mas que foi publicado em vida por Fernando Pessoa, mais precisamente no n.º 20 da revista *Presença*, em 1929.

4 Cf. Platão. *Apologia*, 38a

na perspectiva filosófica, e de modo genérico, a filosofia da existência, ou seja, a especulação voltada para a determinação do ser, remonta à Antiguidade gregolatina: vem-se constituindo desde Aristóteles, uma tradição de pensamento ontológico, dirigido para a essência do indivíduo (p. 178).

Dessa forma, materializada em “louça”, vemos nos dois textos uma alegoria⁵ da fragilidade e efemeridade que a vida nos propõe. Aqui determinamos o cerne do nosso estudo, em cujo título estendemos ao “que já estava escrito”, apontando para questões filosóficas acerca da finitude e da fragmentação do ser, cuja continuidade reflexiva é ilustrada na epígrafe: “[...] *existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa*”, usada por Benjamin em suas *Teses para definição do conceito de História*, e que aqui nos apropriamos para enfatizar o *moto continuum, o eterno retorno, os movimentos temporais e espaciais que nas obras nos conduzem ao ontológico: a existência que precede a essência expressa numa figurativa louça que se estilhaça*.

Com absurda lucidez, os dois textos revelam um “eu” que está à espreita, conformado na consciência de um narrador que se desdobra em duas instâncias narrativas (crônica e poema), quando ambos revelam o que veem dentro e fora de si, e que têm absoluta consciência do nada que os espera. Se a psicanálise freudiana revelou que a personalidade tem um duplo, o consciente e o inconsciente, estes são vistos aqui sem adentrar tal ciência, mas apenas com um olhar de relance sobre um narrador que se desdobra e um “eu lírico” que viaja por si mesmo, em digressões temporais e espaciais.

Nas duas obras estudadas, a alegoria simbolizada pelo objeto – prato, louça –, reforça a representação do passado, do que se foi, do tempo perdido, ou mesmo da saudade de um “eu” que fora o que não sabe ao certo se o quisera. Um “eu” guardado e resumido em pires ou em caco, mas que reside na consciência do narrador, sabedor de que há um tu que também está à espreita.

A crônica “Minuete do senhor de meia idade” apresenta um resgate da vida, em *flash-backs*. Uma constante simetria entre a vida que é e a vida que foi, a vida em mão dupla, as reminiscências do passado e a consciência da

5 Etimologicamente, a alegoria consiste num discurso que faz entender outro, numa linguagem que oculta outra(...). Podemos considerar alegoria toda concretização, por meio de imagens, figuras e de pessoas, de idéias ou entidades abstratas. O aspecto material funcionaria como disfarce, dissimulação ou revestimento do aspecto moral, real ou ficcional. (MOISÉS, 1895, p. 15)

morte, – a louça partida. A existência é marcada temporalmente: “O único pires completo sou eu de bicicleta a voltar para casa/ mas não me lembro da casa”[...] “o único pires completo é ter cinquenta anos e tanta coisa quebrada à volta” (p. 86). Cruzam-se existência e essência.

O deslocamento do foco narrativo permite-nos captar uma realidade em camadas forjadas pela representação espaço-temporal. Maria Alzira Barahona⁶ (1968, p. 13), numa reflexão acerca do romance contemporâneo, há de nos permitir aqui o empréstimo do que para nós também conforma o gênero crônica:

Essas ‘várias espessuras’ só se definem em função da temporalidade intrínseca do ser humano que, existindo no presente, se manifesta dialecticamente entre a significação de um passado e a aquisição de um devir. (...) por isso, a duração romanesca aparece-nos, no romance moderno, não instalada, feita de incidências entre os vários planos temporais experimentados pela consciência da personagem, com uma dimensão múltipla e um carácter essencialmente aberto.

Ao considerarmos a expressão do tempo na crônica em estudo, faz-se importante elucidar as pistas que o “eu” que espreita o narrador/personagem nos aponta, nos remetendo, por vezes, a um *déjà vu* proustiano, seguindo o exemplo do conhecido episódio da *madeleine*: a rememoração de um fato aparentemente isolado no passado serve de mote para uma reflexão acerca do presente. Buscar o “tempo perdido” significa também reelaborar conteúdos mentais à luz de uma nova visada daquilo que se escolheu e daquilo com que se tem de lidar a partir dessas eleições. Assim, constrói-se/reconstrói-se toda uma história de vida que passa a ter sentido em si mesma a partir de uma ressignificação de seus conteúdos, tanto os imediatamente aparentes quanto os mediamente pensados.

Apontando para os três pilares ontológicos postulados por Sartre, “o ser em-si”, “o ser para-si” e o “ser para-o-outro”⁷, detectamos nos dois textos

6 Publicações do Centro de Estudos Filológicos – Para um Estudo da Expressão do Tempo no Romance Português Contemporâneo. Lisboa, 1968

7 Sartre distingue, em *L'Être ET Le Néant*, três níveis de existência que balizam seu “itinerário ontológico”: o *em-si*, o *para-si* e o *para-outrem*. Existir, para Sartre, é ter consciência dessa “existência”, de um ser “existente”. Sem consciência, não há existência propriamente dita. O “para-si” designa ao mesmo tempo a *consciência de si*, a *consciência pura* e a *consciência de alguma coisa*. (...) “O para-si” se opõe ao “em-si” como o homem às coisas, o ser aos objetos, a reflexão à materialidade. Existir “em-si”, para o homem, é viver privado de consciência, sem interioridade (...), como puro objeto. O “para-si” é um *sujeito*; o

um enfrentamento do “eu” como consequência das escolhas feitas por esse mesmo “eu”. Ambos introduzem um “tu” que aparentemente os desresponsabiliza pelos seus atos. O narrador “antuniano” anuncia a sua “angústia” por meio da intrusão desse “tu” que, pelo simples fato de existir, revela ao narrador a sua existência, por ter-se (o narrador) como espelhar. E esse narrador ensimesmado parece não ter a percepção das suas escolhas, da liberdade que a todos é dada. O processo de responsabilidade advindo das escolhas faz com que o “eu” lance ao “outro” o “si que deixo”:

(...) o único pires completo és tu
– E agora?

Aposto que de mãos na cintura à entrada da porta a abanares a cabeça para a minha vida no chão, a designares-me com a biqueira um pedaço de casca que não ví, a empurrares-me com o cabo da vassoura
– Chega-te para lá

E a despejares o meu passado inteiro no lixo(...) (p. 86)

Em “Minuete do senhor de meia idade” Lobo Antunes nos apresenta uma crônica jorrada sob fluxo de consciência, cujo percurso são os dias passados, dias perdidos, dias presentes, e onde se lê memória e reflexão. O narrador nos conta a história da qual participa enquanto personagem, narrativa marcada pela sua proximidade com o mundo narrado em primeira pessoa, o que revela fatos e situações que um narrador de fora não poderia conhecer. Ao mesmo tempo essa mesma proximidade faz com que a narrativa seja parcial, impregnada pelo ponto de vista do narrador.

Assim, em “Apontamento”, o “outro” é o “eu” sartreanamente pensando no *em-si-para-si*, quando este se torna uma existência capaz de pensar-se a si mesmo. A responsabilidade, embora jogada no partir-se pela mão da criada, apresenta o momento do desabrochar da consciência, da percepção da finitude:

“em-si” não o é. Desta elaboração inicial, tem-se a expansão desta consciência em-si-para-si para a exterioridade de si mesma, no encontro com o outro. Alcança-se o momento em que surge a terceira categoria: para-outrem. É nela que se estabelecem as possibilidades infinitas de uma compreensão de que todos os atos humanos, embora individualmente dados como fatos, são, na verdade, atos de toda a humanidade. HUISMAN, Denis. *História do existencialismo*. Bauru/SP: EDUSC, 2001, p.129 e 130).

Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.
Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir
(...)
Não se zanguem com ela.
São tolerantes com ela.
O que era eu um vaso vazio?
(...)
Os deuses que há debruçam-se do parapeito da escada.
(...)
Olham os cacos absurdamente conscientes,
Mas conscientes de si mesmos, não conscientes deles.
(...)
Um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os astros.
A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?
Um caco.
E os deuses olham-o especialmente, pois não sabem por que ficou ali.

Em *O Existencialismo é um humanismo* (1970), Sartre afirma que “o homem é, antes de mais nada, algo que se projeta em direção ao futuro e ciente que está fazendo isso” (p. 28), e se, como assinala o mesmo autor, o homem está condenado à liberdade⁸, temos nas obras citadas um exercício da consciência, em meio às turbulências que os desvios podem trazer. Em “Apontamento”, a sinceridade confessa impõe, todavia, a consciência do duplo no sujeito lírico, determinando a perda de si mesmo, já antecipada pelos “cacos absurdamente conscientes”. O sujeito lírico reconhece o seu duplo perdido: sua alma que morreu antes do corpo.

O embate entre a liberdade possível e a escolha em ser livre está refletido nos dois textos, onde encontramos o que Sartre circunscreve como o estágio do *para-si*, numa reflexão sobre o que ele considerou como *aquilo que é livre*. Assim, “o para-si é essencialmente livre e é uma condição necessária de sua existência o fato de não ser livre para deixar de ser livre” (COX, 2007, p. 90).

8 A existência humana se confunde para Sartre com a liberdade: “Estou condenado a ser livre”. Essa liberdade é total, sem limite, sem condição (...). O engajamento ao qual Sartre se apegava tanto, a escolha que se impõe a todo momento em nossa vida fazem da liberdade o próprio critério da existência”. HUISMAN, Denis. *História do existencialismo*. Bauru/SP: EDUSC, 2001

Ou seja, como Sartre o disse, o homem está condenado a ser livre, mas isso impele esse mesmo homem a ser responsável por suas escolhas, até mesmo a não-escolha uma vez que é também uma forma de liberdade. Essa reflexão nos aponta ao que vemos nos textos, por tratarem de memórias do que não foi feito, saudade do não vivido, exemplos de escolhas e não escolhas: “Não escolher é, na realidade, escolher não escolher” (COX, p. 90).

Seria, *a priori*, reduzir, sujeitar o homem às suas vontades e escolhas, em detrimento do factível, do enfrentamento do outro, do mundo que cerca esse *ser-em-si*, vendo o factível também como o imponderável, o inexorável. Para Sartre, em *O Existencialismo é um humanismo* (1970), a *facticidade* é o coeficiente da adversidade das coisas, ou seja, os extravios, embaraços, obstáculos. Em “Minuete a um senhor de meia-idade” o narrador/protagonista nos apresenta relevante número de situações que sugerem o embate entre o *factível* e o *para-si*, o que gerou escolhas e transcendência dos obstáculos. Em “Apontamento”, entretanto, o eu-poético fez “barulho na queda como um vaso que se partia”, e questiona a sua existência: “O que era eu um vaso vazio?”

Heterônimo engenheiro que emerge sensacionista, futurista e interseccionista, Álvaro de Campos é a ficção que nos exemplifica o “ser lançado no mundo sem que o tivesse escolhido”, conceito disposto por Heidegger acerca do homem, numa de suas teses que viriam a constituir o existencialismo. Se toda consciência é consciência de alguma coisa, o poeta nos apresenta o seu “eu à espreita” sob forma de deuses que o observam, num encontro entre o fenômeno e a consciência, a louça e a sua vida, a sua obra e um caco: “E os deuses olham-no especialmente, pois não sabem por que ficou ali”.

A imagem alegórica dos cacos nos remete à falta de unidade, ao não reconhecimento em si de uma essência do *ser-em-si*. Aqueles, os cacos, apesar de conscientes de si mesmos, categoria do *para-si*, não mostram a consciência de um conjunto, categoria do *para-o-outro*, noções que circunscrevem a dimensão do humano. Para expressar o sem-sentido de sua existência, o poeta finaliza o poema registrando a indiferença dos deuses mediante o caco no tapete, uma pobre representação de uma obra, de uma alma, de uma vida.

A circunscrição do existencialismo a partir da visada da fragmentação do ser, inicialmente citado, nos apresenta o processo de multiplicação do eu que narra, na crônica “Minuete do senhor de meia-idade”, cujo narrador se desdobra não somente no tempo e no espaço, como também enquanto lou-

ça partida, assim como no pessoano “Apontamento”, quando o eu-lírico se despedaça como um vaso que cai das mãos da criada, porém sendo observado por deuses. O minuete, enquanto dança executada em compasso três por quatro, permite o movimento do senhor de meia idade que perpassa os estágios ontológicos existencialistas, aportando na angústia gerada por suas escolhas. Do mesmo modo, o eu-lírico pessoano, despedaçado, procura-se a si mesmo num caco brilhante, ou num “apontamento”.

Referência Bibliográfica

- ANTUNES, António Lobo. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da História”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, 1).
- COX, Gary. *Compreender Sartre*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- HUISMAN, Denis. *História do existencialismo*. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- JOLIVET, Régis. *As Doutrinas Existencialistas*. Porto: Livraria Tavares, 1961
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: ática, 1985. Série Princípios. (p. 25-70)
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 15.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo. Tradução e notas de Vergílio Ferreira*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.